HISTÓRIA DA ARTE Audiovisual

Tópico 19

ARTE . VISUAL . ENSINO

Ambiente Virtual de Aprendizagem

O Neoclássico, Romantismo e Realismo.

Professor Doutor

Isaac Antonio Camargo

UFMS

Cursos de Artes Visuais
Faculdade de Artes, Letras e Comunicação
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

ARTE VISUAL ensino

Neoclássico ou Neoclassicismo, foi uma tendência estilística e cultural que visava a revitalização da a Antiguidade Clássica: Grécia e Roma, tornando-as as principais referências estética de modelo e estilo artístico.

Neste sentido, a tradição clássica, consolidada pelas academias do Renascimento se torna o “Novo Clássico”, um modelo ideal de Arte para a cultura ocidental do século XVIII ao XIX.

O Rococó perde sua hegemonia com a queda do reinado francês e da nobreza. Os ideais revolucionários e Iluministas querem transformações e mudanças. Napoleão Bonaparte é indicado Consul e passa a governar a França e é ele também que estimulará uma das tendências mais recorrentes da Arte: a Clássica, estes fatores acabaram por influenciar o surgimento do que se passou a identificar como Neoclássico.

O Classicismo já se mostrava como uma tendência desde as Academias do século XV, permeando os século XVI, XVII, XVIII, XIX e chegando tardiamente ao século XX. As Academias que nasceram no Renascimento Italiano, já haviam expandido sua metodologia/pedagogia para além de suas fronteiras tornando-se um modelo para o ensino de Arte desde então.

As classes sociais dominantes mantém o gosto pela tendência clássica, dificultando qualquer alteração no estilo, na temática ou mesmo no modo de conceber a Arte. A Arte Clássica é, portanto, uma tradução de estabilidade do gosto representando sua consolidação. Romper com os modelos significa também romper com os padrões do sistema econômico, social e político.

No contexto Acadêmico, a Academia de Roma foi uma referência para a formação dos artistas europeus e também de outros continentes, inclusive da América Latina, especialmente no Brasil, via Missão Artística Francesa instituída por D. João VI no século XIX permanecendo,aqui, como escola e modelo de formação artística até o século XX.

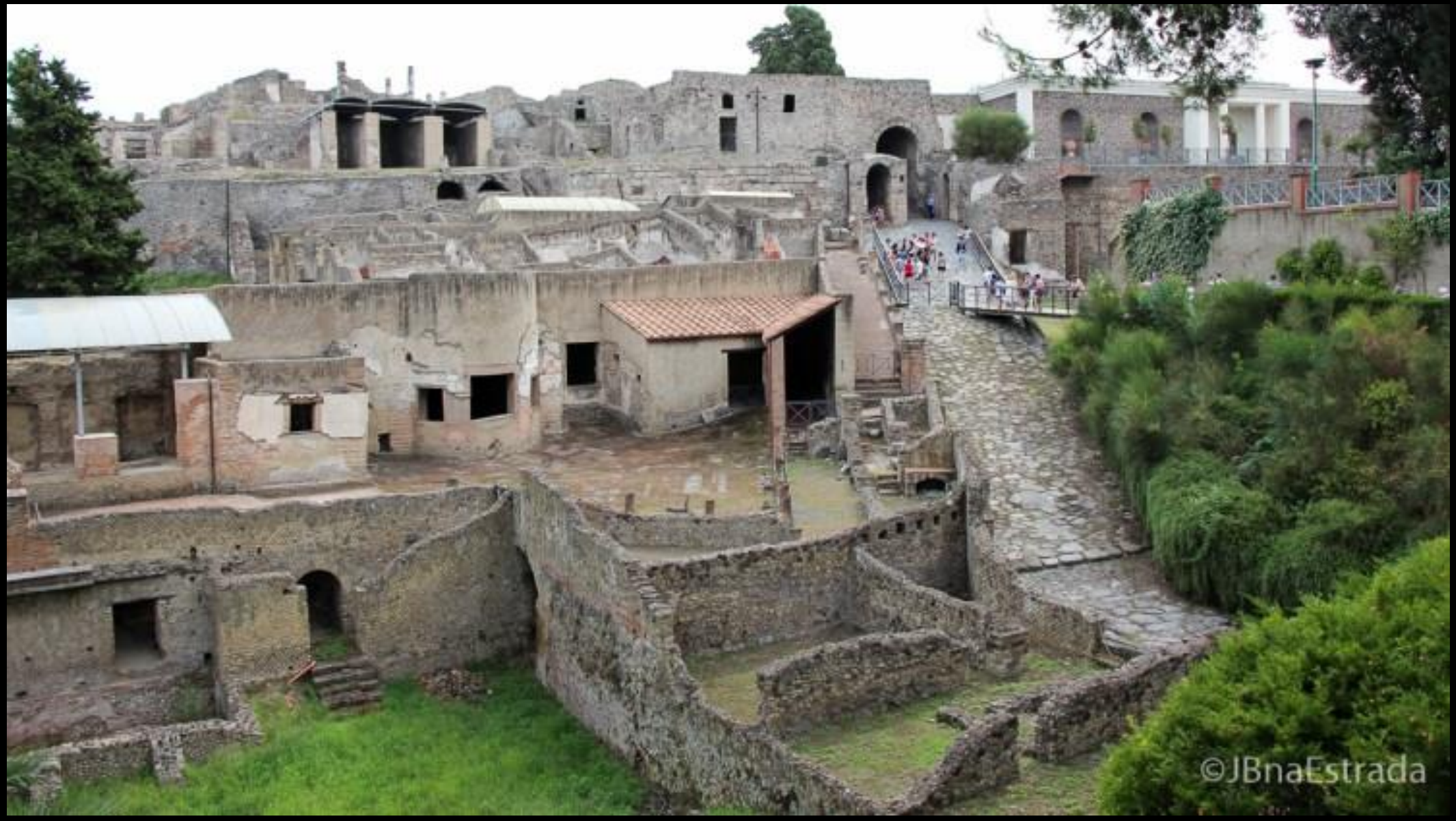
Grande parte dos artistas europeus, se deslocavam para Roma para iniciar ou complementar sua formação. Era o caso da França, Alemanha, Inglaterra, Espanha e também o Brasil entre outros.
Pode-se dizer, em nosso caso e pela influência que recebemos, que o modelo de academia bem sucedido foi o francês.

Em meados do século XVIII surge uma nova tendência clássica e influente em Roma cuja característica era mais racional e idealista combatendo as manifestações do Barroco e do Rococó. O o esgotamento da fórmula barroca pelos excessos formais como o decorativismo e irregularidade associada a uma dita “falta de decoro” e a valorização da Antiguidade clássica e o declínio da influência da religião e ascensão dos ideais do iluminismo.

Seus valores são o racionalismo, modéstia, equilíbrio, harmonia, simplicidade formal, idealismo e desapego ao luxo. A arte Neoclássica busca o equilíbrio e a simplicidade, bases da criação da antiguidade. As características marcantes são o caráter narrativo, o formalismo rígido, a linearidade, as poses encenadas, quase escultóricas, o respeito à anatomia, exatidão nos contornos, clareza na composição, defesa de temas “dignos” em busca da “boa arte”.

A Arte Neoclássica surge por volta de 1750 e vem até o século XIX, prega o retorno ao passado, pela imitação dos modelos antigos greco-romanos.
O culto à academia e seus mestres, aos temas e às técnicas, modelos e regras ensinadas nas escolas ou academias de belas-artes.
A arte tomada como cópia do natural. A valorização da História, efemérides, mitos e heróis.

Um dos fatores que contribuiu para a instauração do projeto Neoclássico foi o inicio da exploração arqueológica, em 1748, das cidades romanas de Pompéia e Herculano, soterradas pela erupção do Vulcão Vesúvio em 79 d.C. e descobertas em 1599. A exploração destas cidades revela costumes romanos bem como algumas Obras de Arte revigorando a crença de que o Clássico é uma manifestação artística atemporal ou para todos os tempos.


©JBnaEstrada

As três Graças. A esquerda obra encontrada em Pompéia e, a direita, obra de Nicolas Cordiel de 1609. A representação das três figuras femininas tem origem na mitologia grega que as considerava portadoras de bem-aventuranças: do banquete, da concórdia, do encanto, da gratidão, da prosperidade familiar e da sorte, ou seja, das graças. A partir do Renascimento passaram a representar a harmonia e se torna um tema recorrente da Arte Clássica e Neoclássica.

Uma curiosidade mórbida: estas imagens são o resultado do preenchimento com gesso de áreas ocas encontradas nas cinzas que correspondiam aos espaços ocupados pelos corpos das pessoas vititimadas pelo Vesúvio.

O que se vê no contexto de Pompéia e Herculano, são obras “clássicas” ou seja obras que revelam, sem dúvida, o gosto e o modo dos romanos fazerem Arte o que reforça a tendência em recorrer às culturas chamadas clássicas greco-romanas intensificando o interesse pelo Clássico e consequentemente o surgimento do Neoclássico ou Novo Clássico.

Na França o Iluminismo, decorrente de pensadores como Denis Diderot e Voltaire preconizavam uma arte mais eficiente em aspectos formais e racionais, intelectualizada e moral.

Johann Winckelmann, atende a este apelo ao escrever em defesa da tradição clássica greco-romana, cujos princípios são adotados por artistas influentes como Mengs, Canova e David.

Politicamente a inspiração na cultura grega também evoca questões de ordem política como a Democracia grega e a República romana que são valores associados à honra, dever, civismo, heroísmo e patriotismo. Talvez por isso o estilo neoclássico tenha sido adotado pelo governo revolucionário francês como recurso ideológica contra o luxo e a afetação das elites nobres de gosto rebuscado como o Rococó.

Anton Raphael Mengs (Alemanha, 1728-1779) Cria o painel *Parnassus* na Vila do cardeal Alessandro Albani, um dos mais famosos colecionadores de arte da época, definindo um modo de fazer que passa a influenciar os artistas que conviviam com a vida cultura romana daquele período. Assim surge um “modelo” Neoclássico.

Mengs, Parnasus, 1761

Mengs, Flagelação de Cristo, 1780

Mengs, São João Batista

Mengs, João Batista, 1774

Antonio Canova, “As Três Graças”, 1815-17.

Antonio Canova, “Cupido e Psiquê”, 1787-93.

Antonio Canova, “Perseu com a Cabeça da Medusa”, 1787-93.

Jean-Jacques Louis David (Paris, 1748-1825, Bruxelas)
Frequentou a Real Academia de Pintura e Escultura de França e depois a Academia de Roma a partir de 1774 por cinco anos.
Depois de participar dos Salões do Louvre, vem a ser Pintor oficial da corte de Napoleão Bonaparte. Como pintor de corte, passa a ser também referencia para outros artistas.

Sua relação com a Arte Clássica se inicia no atelier de Joseph-Marie Vien, pintor de raíz clássica, que frequenta quando jovem e, posteriormente, em 1774, por sua formação na Academia de Roma. Sua predileção por Rafael Sanzio era evidente, passa muito tempo copiando obras do artista e, ao visitar as ruínas de Pompeia, define sua preferência pelo Classicismo, inclusive a temática greco-romana.

O Julgamento dos Horácios, 1784

A morte de Sócrates, 1787

A morte de Marat, 1793

As Sabinas, 1799

Coroação de Napoleão, 1805-7

Napoleão no passo de Saint Bernard, 1801.

David foi um dos idealizadores da renovação da Escola de Belas Artes de Paris, em função das ideias Iluministas.
Dois discípulos de David: Gross e Ingres, também seguem as orientações Neoclássicas do mestre.

A tendência de seguir o mestre era comum, pois assemelhar-se ou superar as habilidades dele era um passaporte para o mercado.

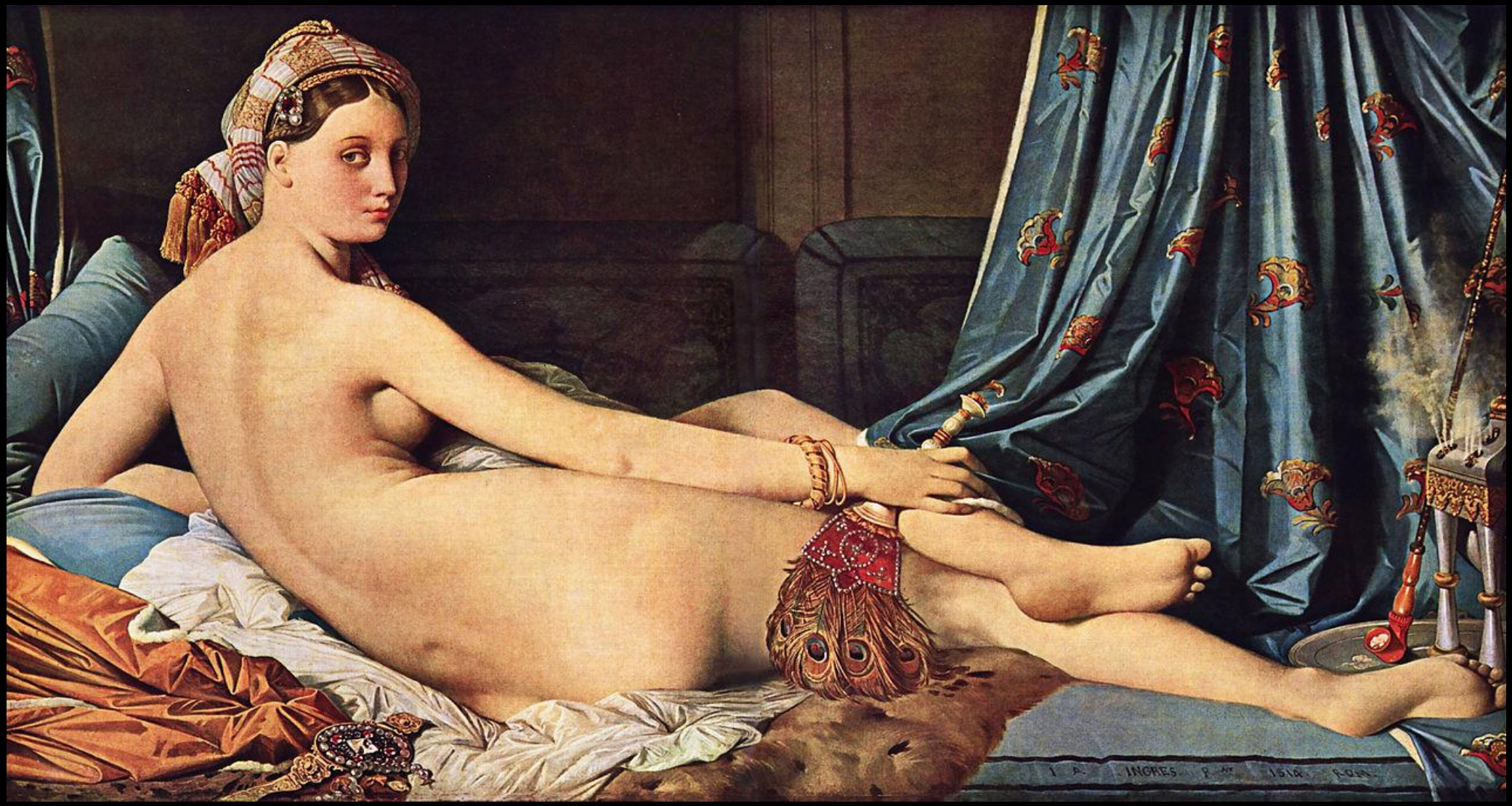
Por outro lado, não havia renovação estética na medida em que os discípulos tinham apenas a preocupação de qualificar-se tecnicamente e reproduzir os mesmos temas e características já definidas anteriormente. Não havia qualquer interesse em inovar já que qualquer inovação conceitual e mesmo técnica, dificilmente era aceita pelo público já habituado ao padrão de gosto dominante. Pode-se dizer o que se via era *mais do mesmo*...

Antoine-Jean Gross, “Napoleão visitando as vítimas da peste de Jaffa”, 1804.

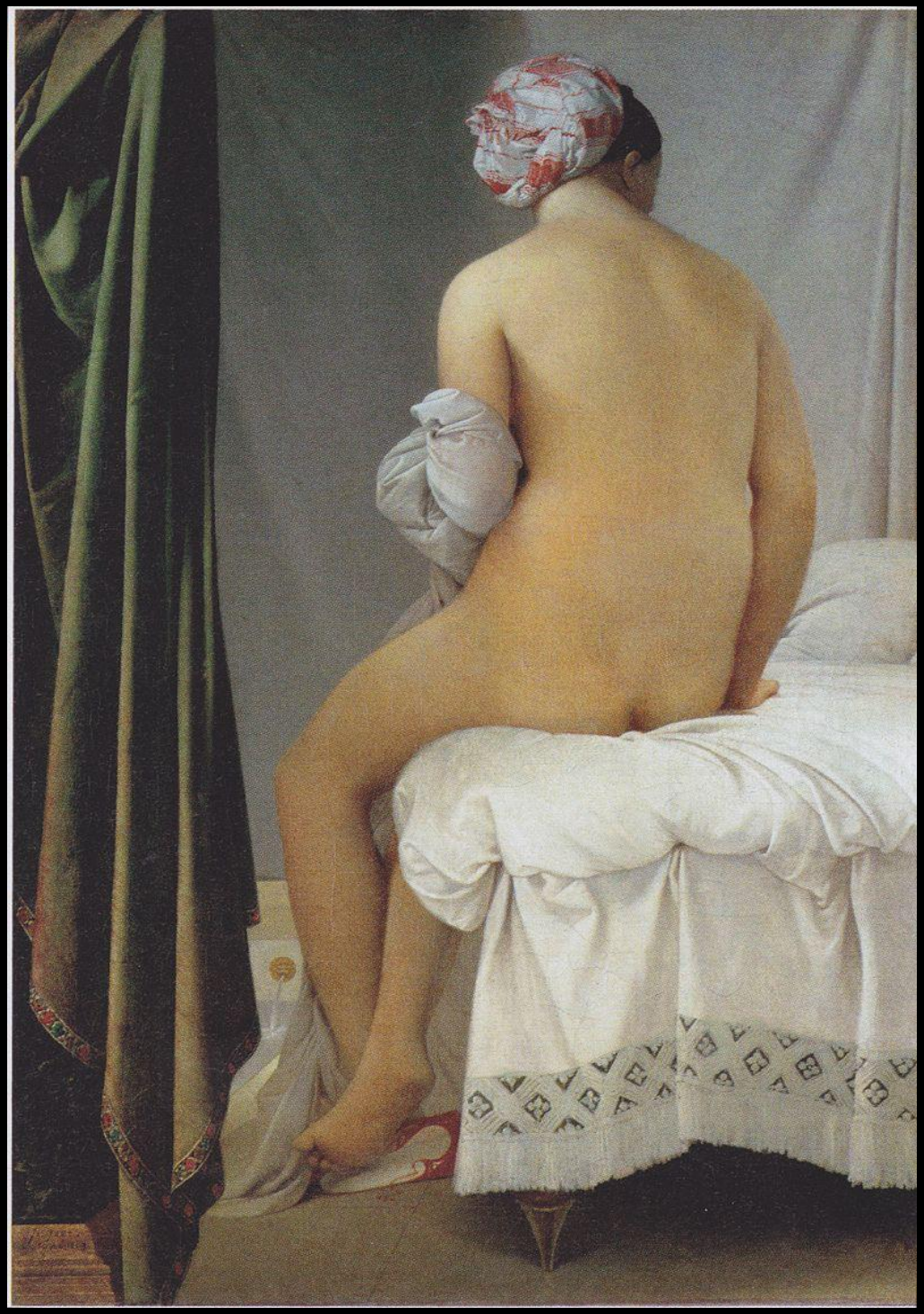
Antoine-Jean Gross, Batalha das Pirâmides, 1810.

Jean-Auguste Dominique Ingres,
“Napoleão no Trono”, 1806.

Jean-Auguste Dominique Ingres“Retrato da Princesa de Broglie”, 1853.



Jean-Auguste Dominique Ingres, “A grande Odalisca”, 1814.



Jean-Auguste Dominique Ingres,
“A banhista de Valpinçón”, 1808.

Como dito anteriormente, a Revolução Francesa, cujo ideário pregava a Liberdade, Igualdade e Fraternidade, é um dos fatores que irá estimular a busca por novos valores sociais e que se tornam motivadores dos ideais burgueses em contraponto aos ideais da nobreza que havia dominado a cena cultural e a partir de então, valores como o nacionalismo, o individualismo e a liberdade vão estimular novas tendências estéticas.

Romantismo

O Romantismo pode ser considerado tanto um estilo que faz a passagem do século XVIII para o século XIX, quanto a primeira Escola Estilística do século XIX.
O Romantismo demonstra a descrença pelos valores Clássicos, suas temáticas e mitologias. Recorre a temas nacionalistas, à natureza e à subversão da ordem clássica valorizando a emoção, imaginação e individualidade.

Pode-se dizer que o Romantismo é a resposta da Arte para as transformações políticas e sociais que ocorreram, principalmente, na França e, neste sentido se opõem ao racionalismo decorrente do Iluminismo defendendo o Individualismo, Idealismo, Subjetivismo, Naturalismo, Nacionalismo, Historicismo e as Efemérides. Valoriza também a espiritualidade, a emoção e a individualidade. Este é o perfil do Romantismo.

Não se pode considerar uma oposição radical entre as manifestações artísticas Neoclássicas ou Românticas ambas ocorrem entre meados do século XVIII e meados do século XIX. O contexto onde as novas ideias surgem é praticamente o mesmo: as contradições ensejadas pela Revolução Industrial e pela Revolução Francesa que repercutem na redefinição das classes sociais: nobreza, a burguesia, o campesinato e operariado nascente.

Na visão romântica o centro do mundo é o sujeito, suas paixões e traços de personalidade no comando da criação artística. A imaginação, o sonho e a evasão, a fuga tanto do tempo, para o passado por exemplo, quanto do espaço na busca de temas e lugares exóticos, no Oriente, nas Américas em contraposição à mitologia, busca-se a espiritualidade ao invés da religiosidade; a consciência histórica; o culto ao folclore e à cor local e estas são características do Romantismo.

Embora as imagens criadas pelos artistas não se afastem da figuração de caráter e aparência já definida pela escola clássica e naturalista, as temáticas começam a mudar. Os mitos são substituídos pelos heróis nacionais, os ambientes não são mais os palácios gregos ou romanos, mas sim os lugares em que vivem ou como vivem seus heróis, não mais os gregos ou romanos da mitologia clássica, mas os que enfrentam os conflitos e confrontos locais.

A razão não é mais suficiente para expressar seus valores, por isso recorrem à emoção.

Para que o sentido de emoção transpareça em suas obras, recorrem à profusão cromática, variações intensas de luz e sombra, aos temas dinâmicos, a variedade de linhas e orientações visuais.

A natureza se transforma em formas: cores, luzes e texturas em suas obras.

O Romantismo não foi uma tendência apenas da Arte Visual, mas também da literatura e da música que se manifestou em vários países como na Inglaterra, Alemanha, entre outros, inclusive o Brasil.

Trabalhos de artistas como Willian Turner, Francisco Goya e Eugène Delacroix, entre outros, são representantes típicos desta tendência.

Joseph Mallord William Turner (Londres, 23 de abril de 1775 - Chelsea, 19 de dezembro de 1851). Pintor,
gravurista e aquarelista. Pode ser considerado um dos precursores
do Modernismo na pintura, em função dos seus estudos sobre cor e luz. Conhecido por suas colorações expressivas, paisagens imaginativas e pinturas marinhas turbulentas, muitas vezes violentas.

Willian Turner. “Paz: enterro no mar”, 1842.

Willian Turner. *“Hannibal e seus homens cruzando os Alpes”, 1810-12.*

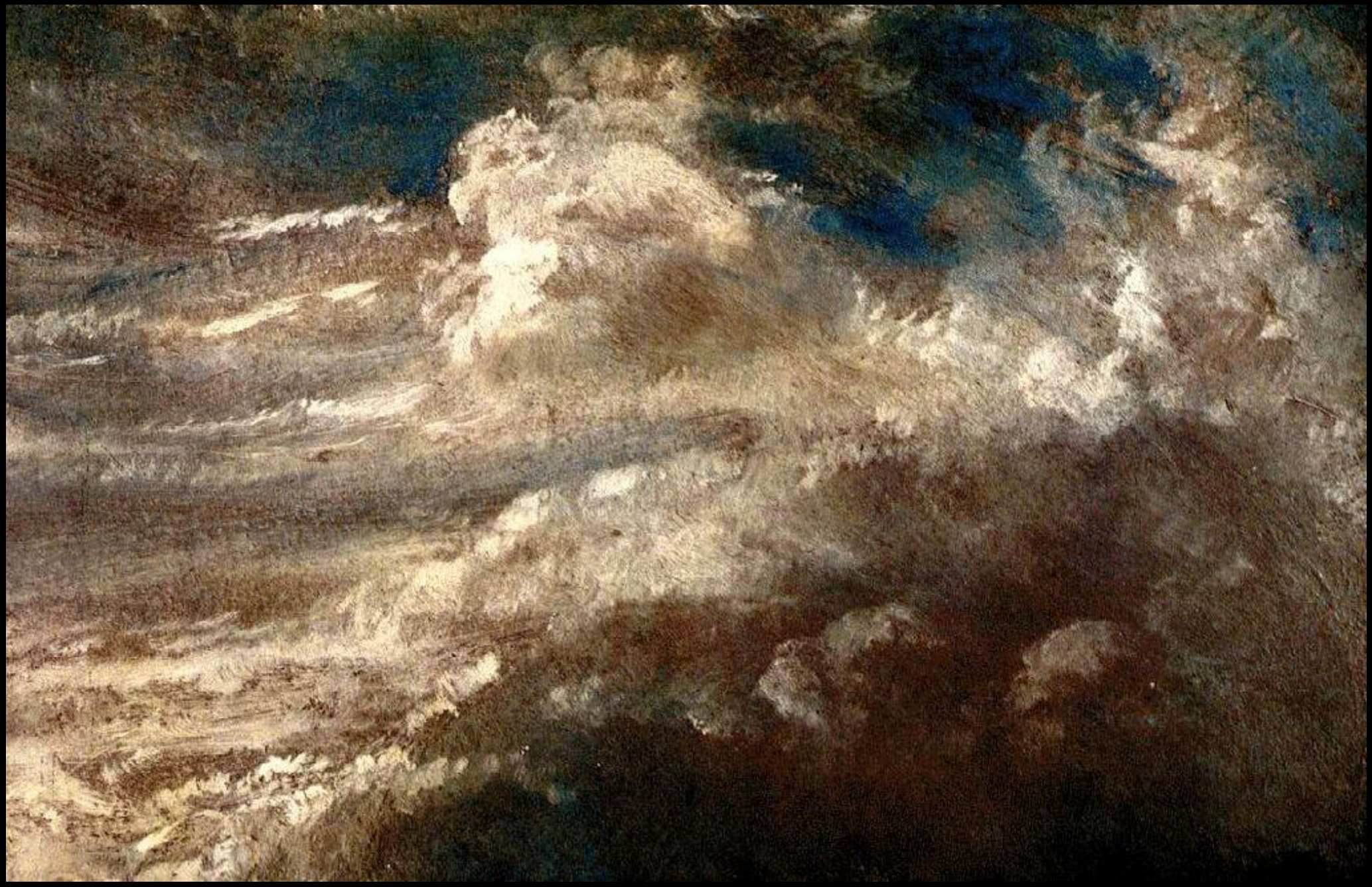
Willian Turner. *“Naufrágio de um cargueiro”, 1810.*

Willian Turner. “Tempestade de neve: barco a vapor na boca de um porto”, 1842.

Willian Turner. *“Paisagem com Tempestade chegando”*

John Constable (Suffolk, 11 de junho de 1776 - Londres, 31 de março de 1837). Suas obras tomam por referência o mundo natural, no entanto, ao contrário de reproduzir a visibilidade, usa como recurso para expandir seu processo pictórico, especialmente no que diz respeito à luminosidade e à cromatividade, valorizando as questões sensoriais e os efeitos emocionais que tais imagens podem causar pa apreciação.

John Constable, *Cena da Costa com Nuvens.*



Jonh Constable*, “Estudo da nuvens”, 1812.*

Jonh Constable. *“Stonehenge”, 1835.*

Jonh Constable. *“Estudo da chuva”, 1827.*

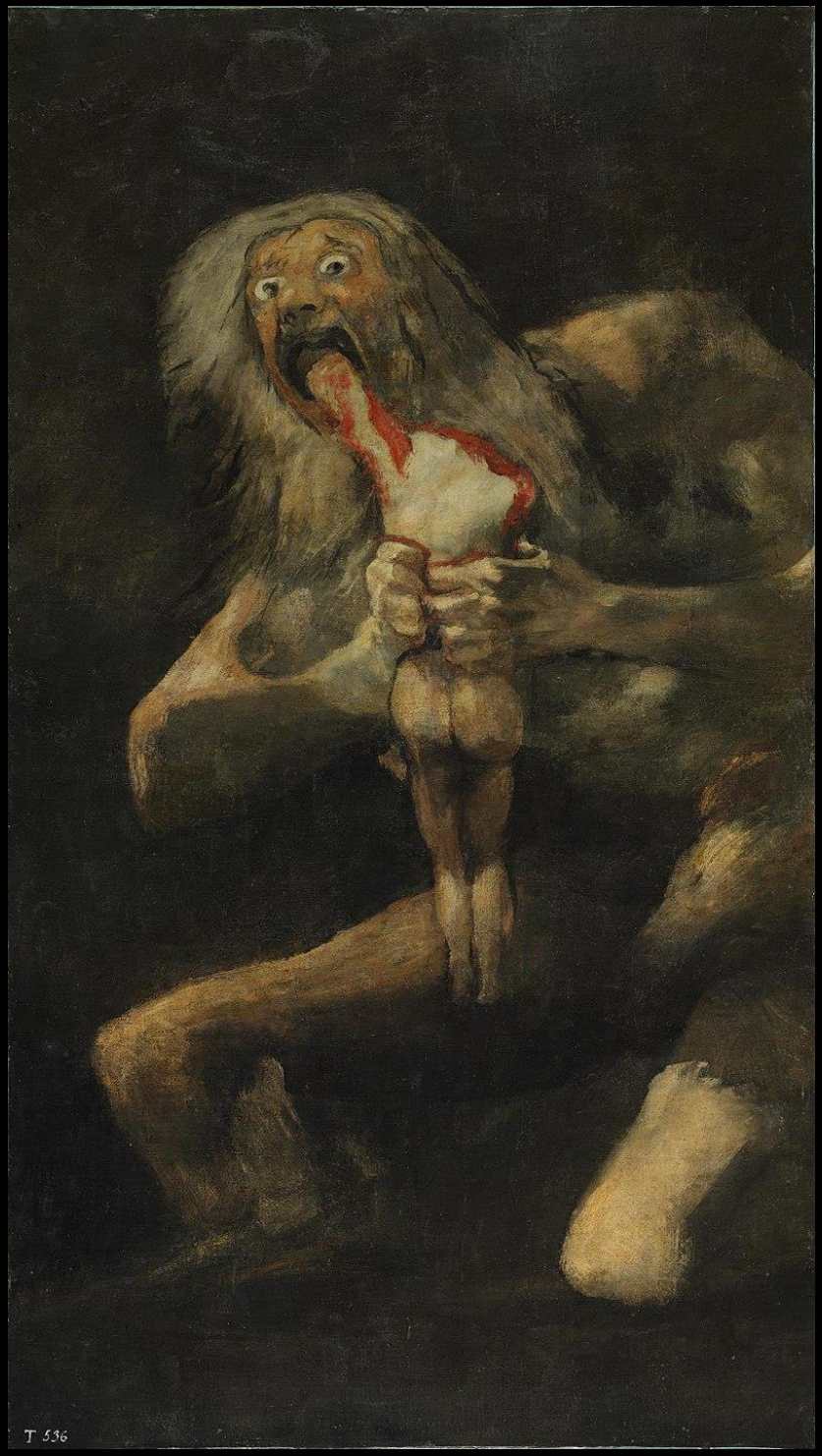
Jonh Constable. *“Catedral de Salisbury de Meadows”, 1831.*

Francisco José de Goya y Lucientes. (Fuendetodos, Es. 1746 – 1828, Bordéus, Fr.). Inicia sua aprendizagem com o pintor Don José Luzán y Martinez. Começou fazendo cópias de pinturas de vários mestres como era comum no aprendizado clássico. Em 1763 vai para Madrid para estudar com Anton Raphael Mengs, tenta estudar na Academia de Belas Artes de Madri e é recusado duas vezes.

Em 1771 consegue uma encomenda pela Academia de Parma para o afresco na Igreja Nossa Senhora do Pilar, em Saragoça, a partir daí obtém mais encomendas e sua trajetória artística passa a ser reconhecida. Em 1785, com a coroação de Carlos IV, foi nomeado "Primeiro Pintor da Câmara do Rei", tornando-se o pintor oficial do monarca e sua família. Em 1792 é acometido por uma doença que o deixa paralisado, quase cego e surdo. A partir daí suas temáticas também mudam.

Francisco José de Goya y Lucientes. “*O dois de Maio de 1808”,* 1814.

Francisco José de Goya y Lucientes. “*Os fuzilamentos de 3 de maio de 1808*”, 1814.



Francisco José de Goya y Lucientes.
“Saturno devorando um filho”, 1823.

Francisco José de Goya y Lucientes.*“La Romería de San Isidro”,* 1820-1823.

Francisco José de Goya y Lucientes. “*Sabah das Brux*as”, 1821-3.

Francisco José de Goya y Lucientes. “*Dois velhos comendo sopa*”, 1819-23.

Francisco José de Goya y Lucientes.
“La Maja Vestida”, 1800
e
“La Maja desnuda”, 1795-1800.

Ferdinand Victor Eugène Delacroix, (Saint-Maurice, 1798 -1863, Paris).

Embora viesse da tradição clássica, passa a se interessar por temas históricos e políticos. Ao contrário da observação passiva convoca o observador a refletir sobre os acontecimentos de seu tempo. Sua tela mais famosa é “A liberdade guiando o Povo”, uma referência à Revolução Francesa.

Conta a lenda de Delacroix disse: “nem sempre a pintura precisa de um tema”. Neste sentido, já havia a consciência da importância dos valores estéticos/plásticos para a poética pictórica. As qualidades sensórias/sensíveis decorrentes da forma e das qualidades matéricas eram tão significativas que podiam prescindir dos temas tradicionais. Esta postura antecipa o que a Abstração vai adotar no século XX.

Eugène Delacroix. “*A barca de Dante*”, 1822.

Eugène Delacroix. *“Batalha de Poitiers”*, (1830)

Eugène Delacroix.
O Massacre de Quios, 1824.

Eugène Delacroix. “*A Liberdade guiando o povo*”, 1830

Jean-Louis André Théodore Gericault,
(Ruão, 1791-1824, Paris),
Sua formação artística se inicia com pintor Vernet e mais tarde no ateliê de Pierre-Narcisse Guérin, junto com Delacroix. Vai para a Itália, e estuda profundamente as obras de Michelangelo e Rafael. Na volta, em 1817, realiza *A Balsa da Medusa*, um marco no Romantismo pelo apelo emocional que o tema demonstra.

O naufrágio no verão de 1816 da fragata francesa Medusa, teve motivação humanitária e política. Embora o drama e a emotividade dominem o Romantismo, a obra faz uma crítica direta ao governo que atribuiu o comando da fragata ao visconde Hugues Duroy de Chaumereys, sem qualquer experiência de navegação, o que levou a nave ao naufrágio. Com esta obra Géricault fez-se eco da crítica ao regime. Dai em diante recorre com frequência aos aspectos subjetivos e denso dos sentimentos humanos abrindo caminho para o surgimento do Realismo.

Jean-Louis André Théodore Gericault. “*A balsa da Medusa*”, 1819.

Jean-Louis André Théodore Gericault. “*Dois justiçados*”.

Jean-Louis André Théodore Gericault. “*Estudos de pés e mãos*”, 1818.

Jean-Louis André Théodore Gericault. “*Leão atacando cavalo*”, 1820.

Realismo

Durante boa parte do percurso histórico da Arte os artistas não puderam manifestar seu próprio pensamento, mas dar visibilidade ao que emanava da sociedade quer fosse da coletividade ou daqueles que detinham o poder sobre ela. De um modo ou de outro, apenas no século XIX é que os artistas puderam colocar em pauta seus próprios pensamentos interesses e propostas.

Pode-se dizer que o Realismo, no século XIX, foi um grande passo neste sentido: a Arte passou também a representar a si mesma e não apenas aos outros...
Assim ela pode posicionar-se ideologicamente, pode manifestar-se a favor ou contra determinadas circunstâncias ou situações adotando uma ou outra postura diante da sociedade, inclusive, confrontando-a.

Pode-se dizer que o começo de tudo tenha sido a aprovação pela Assembleia instituída pela Revolução Francesa (1789-1799), no dia 26 de agosto de 1789, a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão.
Embora eminentemente burguesa, esta Declaração assegurava os princípios: “Liberté, égalité, fraternité” Liberdade, Igualdade e Fraternidade, considerados o lema da Revolução, inclui também o direito à propriedade.

Não se pode dizer, contudo, que o poder instaurado após a Revolução foi um exemplo de democracia e liberdade, mas seus desdobramentos acabaram por consolidar um dos valores mais importantes para a condição humana: a crença na Liberdade.
Aos poucos a liberdade de pensamento e ações, passou a ser a base do estado de direito e da Democracia.

A luta pela liberdade, orientada pelo Liberalismo Político, iniciada pela burguesia e apoiada pela massa de camponeses e desempregados na Revolução Francesa, expandiu-se para o contexto social passando a ser também uma forma de governo inspirando outras nações tornando-se referência para o mundo livre.

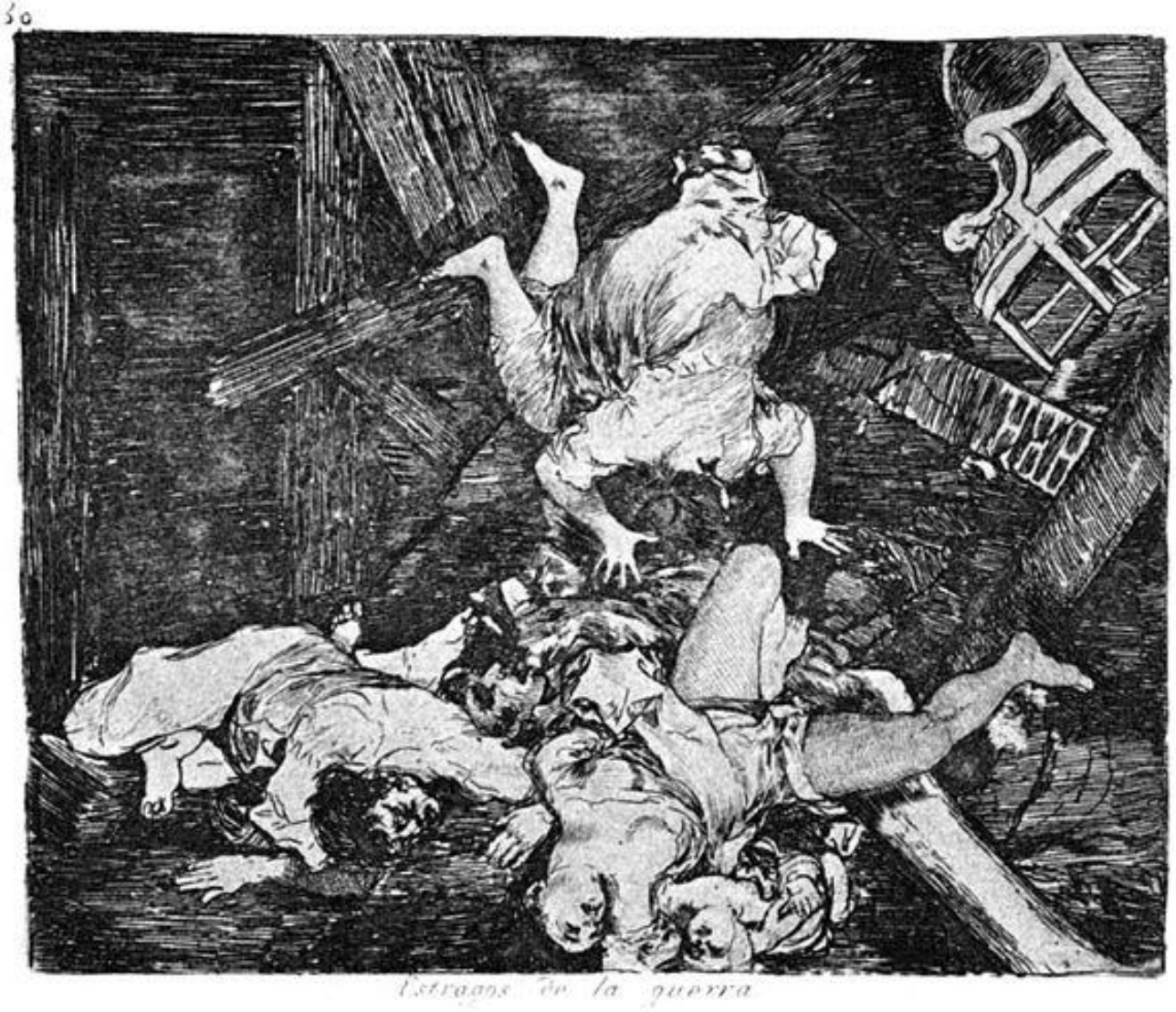
Como já se viu, o Nacionalismo passa a ser um tema adotado pelo Romantismo francês.
A obra de Delacroix: “A liberdade Guiando o povo” explicita este ideal de liberdade também compartilhado por outros artistas como o belga Gustaf Wappersde Wappe que faz alegoria semelhante se referindo à revolução Belga.

A liberdade guiando o povo, alegoria de Eugene Delacroix, 1830.

A Revolução Belga, por Gustaf Wappersde Wappers, 1834.

Assim a Arte passa a expressar também os anseios sociais emergentes.
Neste sentido ela é capaz de se tornar a porta-voz dos menos favorecidos e contribuindo para a reflexão sobre as questões sociais ao invés de reforçar apenas as condições anteriores. Há então o engajamento da Arte em prol das conquistas sociais.

Não se pode dizer que os artistas fossem alheios às questões sociais, ideológicas ou políticas no entanto, nem sempre, puderam revelar isto sob o risco de serem reprimidos, rechaçados ou punidos por adotarem posições contrárias ou simplesmente por serem temas que não agradavam ao poder dominante. Um dos exemplos da atitude de descontentamento com o poder da nobreza é Francisco José de Goya y Lucientes,1746 -1828.



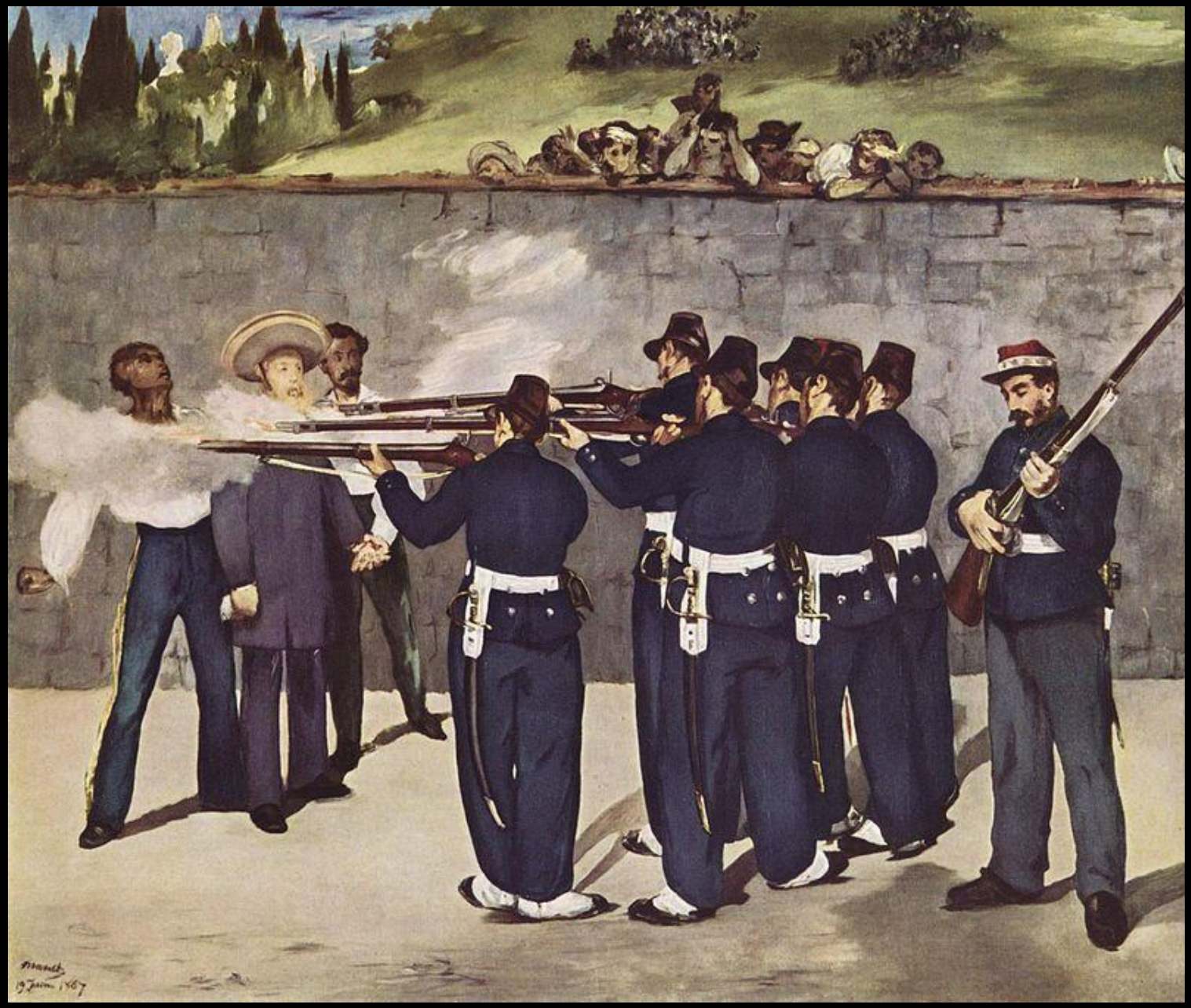
Goya, na série: Os Desastres da Guerra, realizada entre 1810-15, publicadas só posteriormente, relatam as atrocidades e desmandos do poder.

Antes disso, em 1821, Goya já havia sido vítima da Inquisição católica por conta de sua obra Maja Desnuda de 1795-1800, perdendo seu cargo de "Primeiro Pintor da Câmara do Rei“, junto ao rei Carlos IV, para o qual tinha sido nomeado em 1785. Depois é inocentado e recupera seu trabalho.

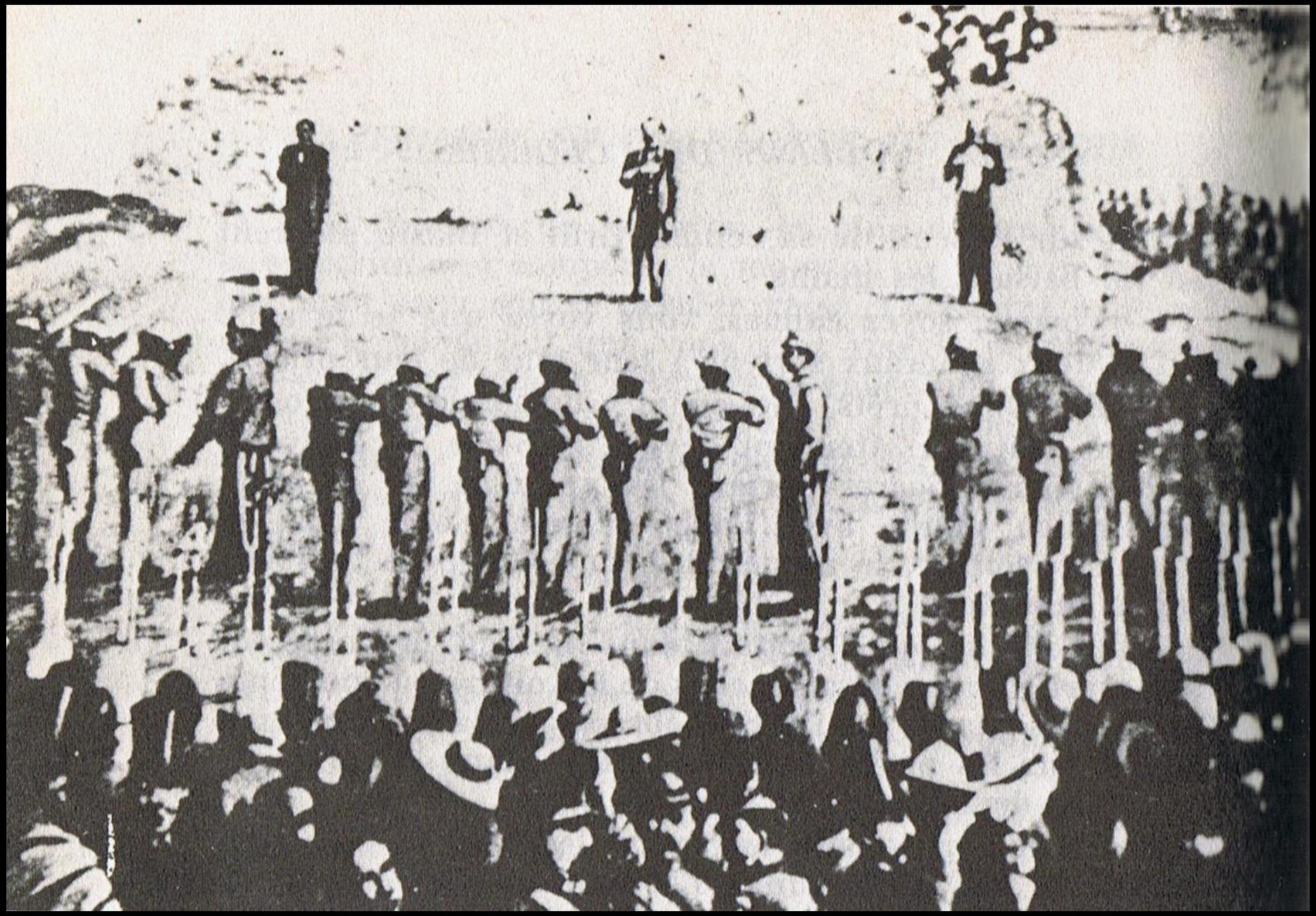
Uma das obras em que Goya promove a denúncia contra a violência de caráter político é: Os fuzilamentos de 3 de maio, em que recorda a ação das tropas francesas contra um pequeno grupo de soldados espanhóis.

Uma das obras em que Goya promove a denúncia contra a violência de caráter político é: “Os fuzilamentos de 3 de maio”, na qual recorda a ação das tropas francesas contra um pequeno grupo de soldados espanhóis.

“*Três de Maio de 1808 em Madrid*”, Os fuzilamentos da montanha do Príncipe Pío ou Os fuzilamentos de três de Maio, de 1814, parte dos resultados das Guerras Napoleônicas contra a Espanha.



O tema do fuzilamento é retomado por Edouard Manet, em A execução de Maximiliano, de 1868, na qual relata a morte do imperador nomeado para o México por Napoleão e condenado por Benito Juárez, presidente, após a expulsão dos franceses.



Fotografía da execução de Maximiliano (direita) Miramón (centro) y Mejía (esquerda), em 19 de junho de 1867, pelas tropas mexicanas.

O Realismo francês, do qual participaram Colbert, Millet, Manet, e Daumier tomaram por temas cenas populares, pessoas e ambientes comuns e a crítica à social e política destituindo da Arte Visual as grande alegorias clássicas. Foi também um modo de contestar a estética vigente e abrir a discussão sobre o ambiente social.

Gustave Courbet, Mulheres peneirando trigo, 1854-55.

Jean-François Millet, As catadoras de trigo, 1857.

Edouard Manet, Almoço na relva, 1863.

Honoré Daumier, A República, 1848.

Percebe-se assim que, a partir do século XIX, já é possível exercer a liberdade de expressão por meio da Arte Visual. Embora em pequena escala, já se encontram obras que se contrapõem ao poder dominante instaurando um espaço de engajamento para a reflexão, denúncia e Ativismo, tanto de caráter politico quanto social. Contudo, não se pode dizer que tais obras encontravam respaldo do mercado na sociedade vigente.

Pode-se dizer que muitos artistas adotavam tema sociais praticando uma espécie de “ativismo político” naquela época. Embora o termo Ativismo esteja “em moda” já faz parte do contexto político desde quando foi usado pela imprensa belga, em 1916, referindo-se ao Movimento Flamingant. Atualmente é entendido também como militância, partidarismo ou em defesa de ideais ou ideias e causas políticas ou sociais.

O Realismo

Neste caso em especial, o Realismo conduzido pela Arte no século XIX é um contraponto ao individualismo que o Romantismo havia trazido.

Se manifestou no século XVIII entre 1850 e 1900.
O Realismo toma por referência algumas questões de caráter social que começaram a obter visibilidade na sociedade burguesa daquele período e traz isto para o contexto da Arte por meio do engajamento político e social.

Neste sentido pode-se dizer que começa a se delinear uma tendência que pode ser chamada de pré-Modernista, sem denegrir a capacidade e autonomia criativa dos artistas que já demarcavam alterações substanciais na Historiografia da Arte Visual revelando algumas mudanças e quebras no processo hegemônico da Arte Tradicional, deste modo antecipavam o que o Modernismo irá provocar.

Os artistas Realistas partiram das temáticas cotidianas e das paisagens, originárias da Escola de Barbizon e posteriormente passaram a tomar as questões de ordem social como temas e assuntos e ao contrário do caráter intimista e inventivo dos artistas românticos adotam a crítica social.
Temas como trabalho, exclusão e injustiça social além de outros valores de caráter humanista passam a ser tratados por vários artistas de tendência Realista.

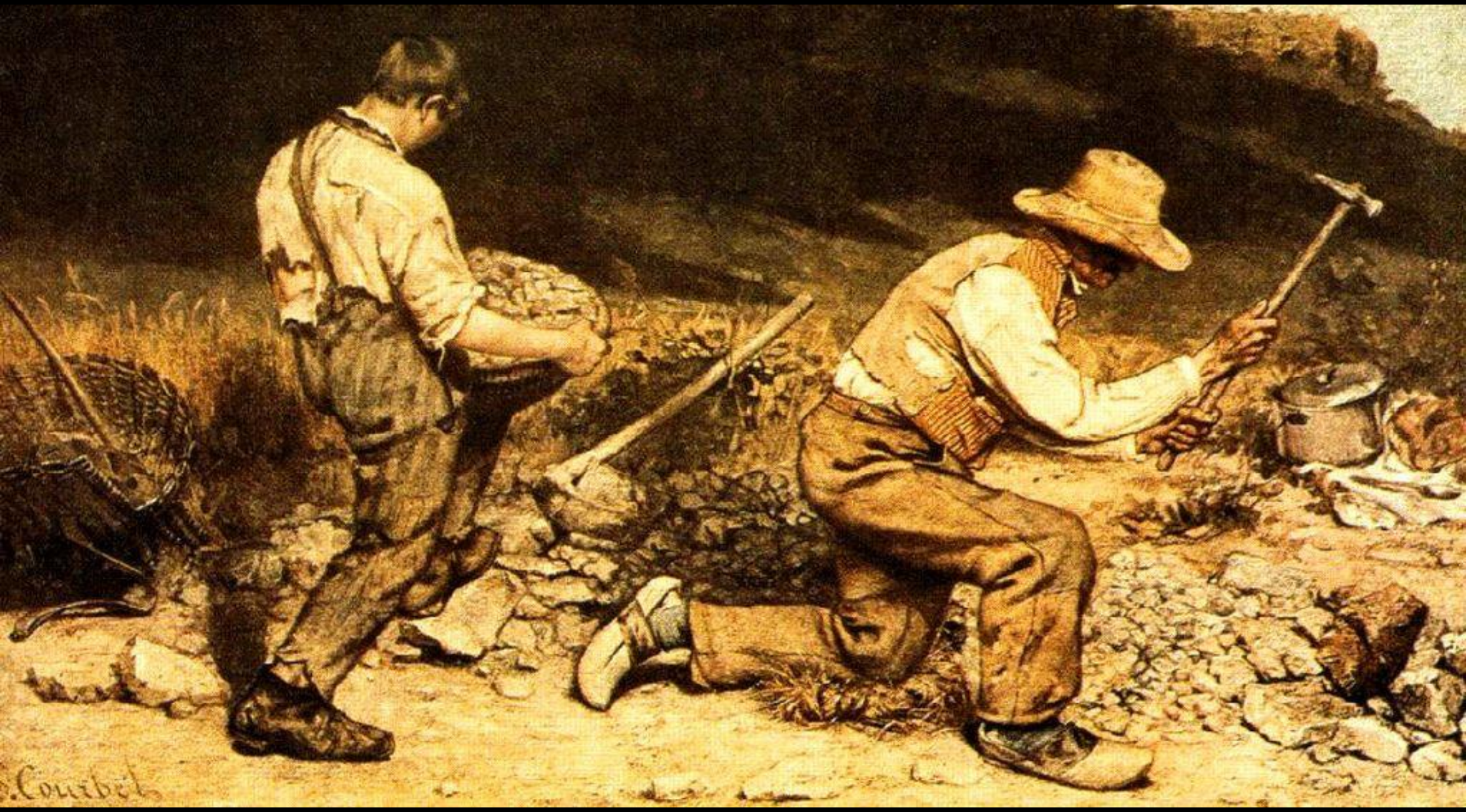
Podemos considerar como representantes típicos desta manifestação artistas como: Coulbert, Corot, Daumier, Manet, Milliet que apresentam temas que, dificilmente, fariam parte da decoração das salas da nobreza ou burguesia dominante até meados do século XIX.

Alguém que usasse a mão de obra escrava ou quase escrava não se vangloriaria disso expondo em suas luxuosas mansões obras que mostrassem os serviçais ou trabalhadores que explorava ou as trabalhadoras do sexo com as quais compatilhava seu lazer...

Gustave Coulbert (Ornans, 1819-1877, Latour-de-Peilz). Vai para Paris no final de 1839 para estudar direito e passa a frequentar o atelier do pintor Charles Steuben, onde se inicia na pintura e estuda as obras dos mestres no Louvre. Em 1848 participa do Salão de Paris com cenas com figuras simples e populares, diferente dos temas mitológicos dos demais artistas da época. Se opõe ao Romantismo e se configura como Realista.

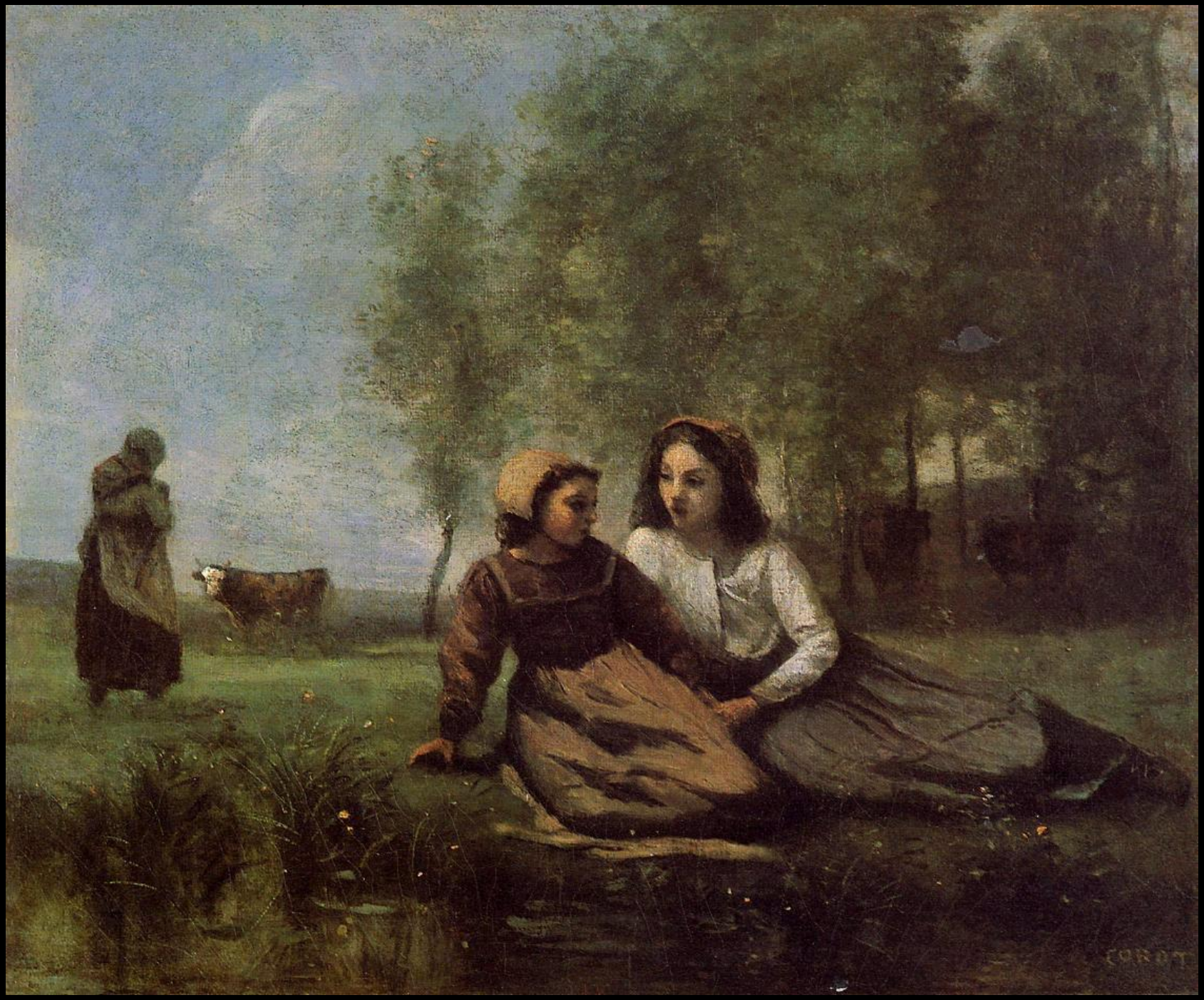
Ele entrou na política às véspera da Comuna de Paris de 1871 e desempenhou um papel ativo na vida política e artística do governo socialista de curta duração. Com o desaparecimento da Comuna, Courbet foi preso e condenado a seis meses de prisão por seu envolvimento na destruição da Coluna Vendôme, um símbolo da autoridade napoleônica. Vai para a Suíça para fugir da perseguição política.

Gustave Coulbert. “*Mulheres peneirando trigo*”, 1854-55.



Gustave Coulbert. “*Quebradores de Pedra II*”, 1850.
Obs. Esta obra não existe mais, foi destruída num incêndio, as referências que se tem dela são apenas por meio de reproduções fotográficas.

Jean-Baptiste Camille Corot ,“*Fontainebleau*”, 1830.



Gustave Coulbert. “*Duas pastoras no lago*”, 1850-55.

Honoré-Victorien Daumier (Marsellha, 1808-1889, Valmondois). A partir de 1822 teve aulas no ateliê de Lenoir, ex-aluno de David. Estudou profundamente as obras de Rubens e Ticiano no Louvre. Se tornou reconhecido como pintor, caricaturista, chargista e ilustrador exercendo forte critica aos políticos e à desigualdade social. Sua maior produção foi a Litografia, mais de 4.000, durante sua vida.

Esta litografia: “Gargântua”, uma crítica ao rei Luis Felipe, de 1831, lhe rendeu a prisão por seis meses em Ste Pelagic em 1832.

Honoré Daumier. “*Vagão de terceira classe*”, 1862-64.

Honoré Daumier.
Burden,1850-53

Jean-François Millet (Greville Hague, 1814-1865, Barbizon). Inicia aulas de pintura em 1834, no estúdio dos pintores Paul Dumouchel, Jérome Langlois e Chevreville, em Cherbourg. Mudou-se depois para Paris, em 1838, onde continuou sob a orientação do pintor Paul Delaroche, dedicando-se a estudar os grandes mestres do Louvre. Suas obras representavam realidade circundante, nos campo e cidade, sobretudo a das classes trabalhadoras.

Jean-François Millet. “*Angelus*”, 1859.

Jean-François Millet. “*Catadoras de trigo*”, 1857.

Jean-François Millet. “*Trazendo o bezerro*”, 1860.

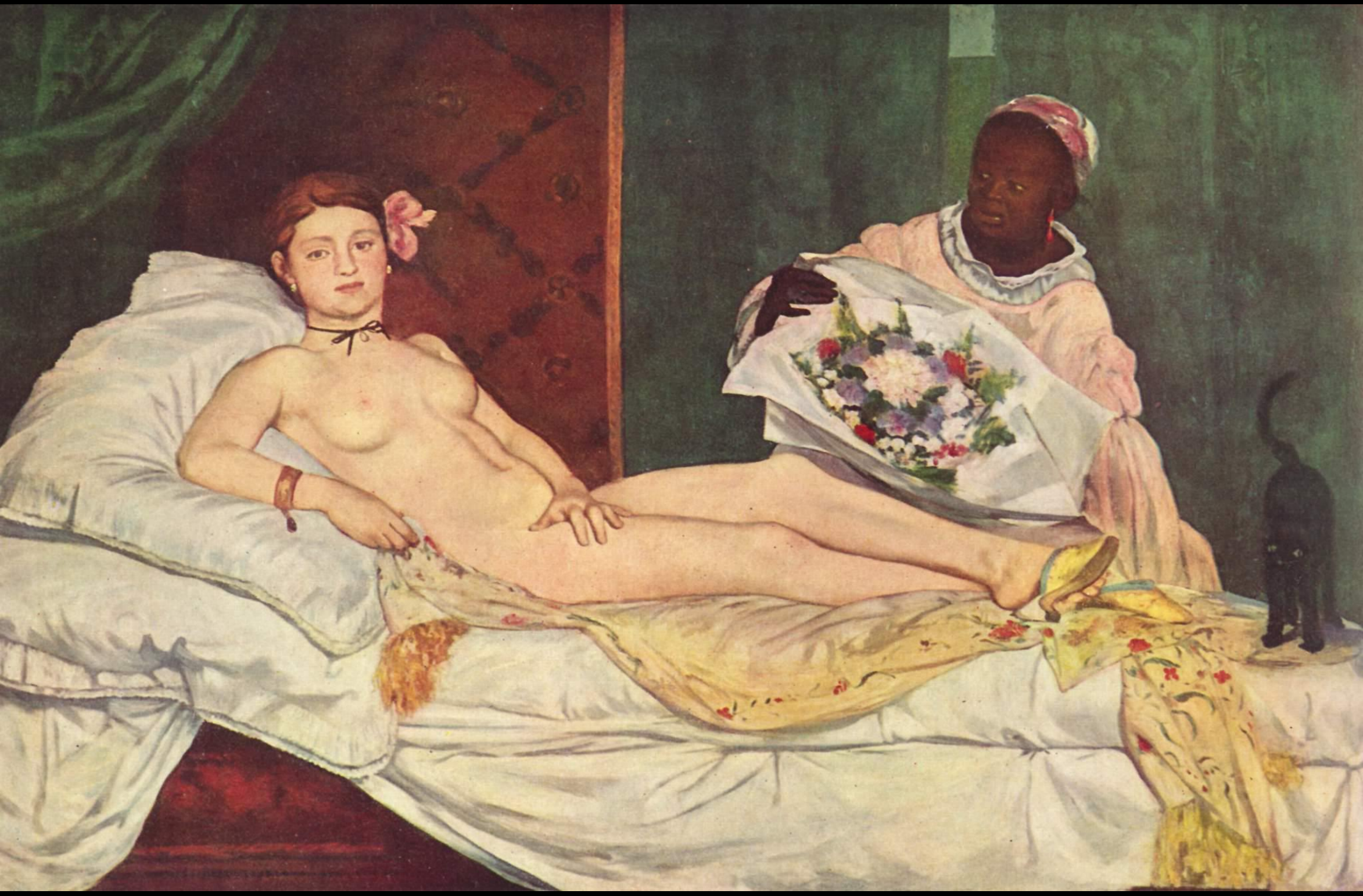
Jean-François Millet. “*Pastor com ovelhas*”, 1860.

Jean-François Millet. “*Plantadores de batata*”, 1861.

Èdouard Manet
(Paris, 1832-188 3, Paris).
Em dezembro de 1848, Édouard embarcaria no barco-escola *"Havre et Guadeloupe"* para o Brasil como marinheiro. A experiência do Brasil lhe proporcionou o gosto pelo exótico e a repulsa ao escravismo. Valorizou a luz como a luminosidade da baia de Guanabara. De volta a Paris frequenta o ateliê do pintor e mestre Thomas Couture, onde ficou por seis anos onde domina as técnicas de pintura..

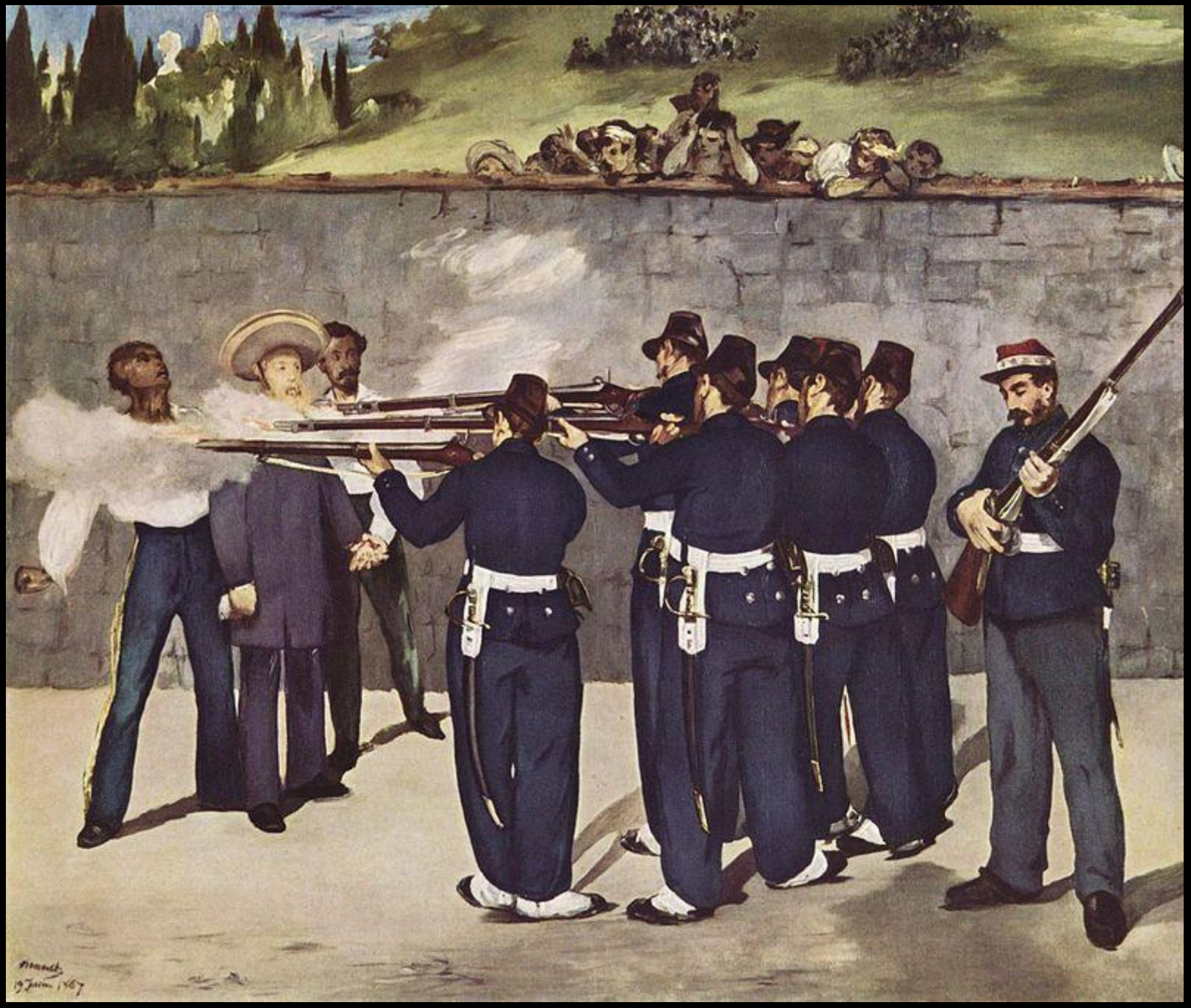
Em 1863 mostra algumas obras no Salão dos Recusados em Paris e a que causa mais polêmica é “Almoço na Relva” de 1863. O escândalo se refere à presença de dois senhores vestidos e de duas mulheres no campo, onde uma delas está nua diante dos dois homens. Cena nada habitual para uma sociedade puritana e hipócrita. A partir daí outras obras tão impactantes com esta vão se tornar um hábito na sua carreira.

Èdouard Manet. “*Almoço na Relva*”, 1863.



Èdouard Manet. “*Olympia*”, 1863.

Èdouard Manet. “*O Bar no Folie-Bergère”*, 1881-82.



Èdouard Manet. “*A Execução de Maximiliano”*, 1867.

Èdouard Manet. “*O suicida*”, 1880.

A explicitação da hipocrisia burguesa é um dos temas que ocupa as Obras de Arte destes artistas. Não quer dizer que os demais não continuassem a praticar ou desenvolver os mesmo percurso programático da Arte Tradicional, o que se vê é que começam a surgir sintomas de insatisfação com o *status quo* e isto se mostra por meio da Arte.

Pode-se dizer que alguns artistas do Realismo já se caracterizam como uma das tendências de oposição à tradição clássica na medida em que suas abordagens temáticas se distanciam drasticamente dos temas usuais como a mitologia, seus heróis e, principalmente, do passado greco-romano, neste sentido trocam a Alegoria pela Realidade e preparam o caminho para as transformações que o Modernismo irá desenvolver.

Recomendações de atividades para complementar, reforçar e ampliar os conteúdos deste tópico.

Leituras:

http://www.artevisualensino.com.br/index.php/textos

GOMBRICH, Ernest. A história da Arte – p. 395 – 401.

Revista - Reflexões sobre Arte Visual:

http://www.artevisualensino.com.br/index.php/revista-reflexoes-sobre-arte-visual

Multimídia: Audiovisuais, Tutoriais e Podcasts.

http://www.artevisualensino.com.br/index.php/multimidia/audiovisuais

Podcast - Reflexões sobre Arte Visual:

https://anchor.fm/isaac-antonio-camargo#_=_

Questões sobre este tópico e suas leituras:

1. O que é Neoclássico, suas características e quais fatores estimulam seu surgimento e como ele se consolida?
2. Quais inspirações políticas são consideradas pelo Neoclássico?
3. Quais os principais artistas do neoclássico francês?
4. Como o Romantismo se posiciona em relação à cultura de sua época?
5. Quais são as características do Romantismo?
6. O que a Arte Romântica mais valoriza?
7. Como o Mundo Natural é mostrado nas pinturas Românticas?
8. Como as cenas e narrativas são mostradas nas pinturas românticas?
9. Qual é a proposta do Realismo no séc XIX?
10. Quais temas/assuntos mais abordados pelos artistas Realistas no séc. XIX?